

## DISCURSO DE RECEPÇÃO

**Eduardo Alvares de Souza Soares**

*Discurso de recepção ao Dr. Sérgio da Costa Franco como Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no dia 10 de agosto de 2017.*

Senhor Presidente do IHGRGS  
Senhores Membros desta Casa  
Convidados, etc. etc.

Ao redigir as palavras que ora pronuncio em nome do IHGRS, confesso que minha intenção inicial era recorrer ao discurso de improviso, do qual há muitos anos me valho, pelo que representa de certo desafio ao orador e mesmo por acreditar que, nele, talvez mais por ilusão que por qualquer outro motivo, a palavra flua mais livre e eloquente.

Outrossim, há o mito de que a palavra, solta, instigando quase aos limites do ocasional, carregue maior paixão e seja, pela paixão despregada, mais arrebatadora, fazendo com que o arrebatamento que ela possa irradiar conduza aos que ora a ouvem a alguns segundos de exaltação.

Não menos verdade, porém, que se esta intenção ouve, tenha de confessar que seu apelo não mais foi que uma motivação que em mim transitou a voo de pássaro, motivação esta que, igual ao que possa ocorrer a um pássaro, foi logo abatida pela voz da prudência a alertar-me de que não estou a falar em nome próprio mas em nome de uma instituição, e no ato de celebração do seu nonagésimo sétimo aniversário, o aniversário de um instituto de pesquisa e divulgação da história e da geografia deste Rio Grande do Sul que nos dá a singularidade de sermos brasileiros - gaúchos, ou, de um outro ângulo de visão e desde a perspectiva de um sentimento, gaúchos - brasileiros.

Não menos verdade, ainda, que fui assaltado pelo desejo de promover o que costuma denominar-se por “Elogio ao Amigo”, desejo que de imediato venci para não deixar-me cair nalguma pieguice que possa deslustrar a personalidade austera e poupada em arroubos do homenageado. Outrossim, não haveria de condizer com as expectativas do Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo, que me outorgou o encargo do pronunciamento em nome desta Casa que ele, já de larga data, tão bem preside.

Se de Elogio ao Amigo, porém, se estivesse ora a tratar, os fundamentos a tanto repousariam em laços ancestrais tecidos em Jaguarão, a

cidade natal do Dr. Sérgio da Costa Franco e na qual me criei, vivo e sirvo na medida de minhas forças, laços estes que estão próximos de atingir seu centenário e que, assim, quase seculares, tiveram início ao unir meus avós maternos, André Raffo e Alaydes Corrêa Franco Raffo a Álvaro da Costa Franco e Gilda Furquim Werneck da Costa Franco, genitores do mais novo Membro Honorário do IHGRGS, que em anos passados o frequentou com assiduidade como seu sócio efetivo, vindo mais tarde a alcançar sua presidência, sendo que em ambas circunstâncias prestou o valioso concurso da sua reconhecida competência de historiador e de homem devotado a servir seu semelhante por tudo que de útil e inspirador escreveu, tanto quanto pelo zelo com a coisa pública e o alto sentido ético dos atos que praticou e pratica.

Por óbvio que a extensão daqueles laços ancestrais alcançaram minha mãe, Verdina Raffo Souza Soares com a primogênita dos Costa Franco, Helena Gilda Franco Gonçalves e aos seus irmãos, bem assim tanto a mim quanto ao meu querido irmão Leopoldo André Alvares de Souza Soares, que por feliz coincidência, residindo há cinquenta e três anos na Europa, encontra-se presente neste ato.

Pois me é impossível quantificar as vezes, em nosso domicílio jaguarense, que minha avó lamentou, com notória emoção, a brutalidade da cena de sangue que, no ano de 1935, vitimou ao Dr. Álvaro da Costa Franco, roubando-o da sua, então, opulenta família, composta de sua esposa e seus sete filhos. Deveriam ser oito a sofrer a dor do seu assassinato. Mas o destino inverteu a ordem e fez com que o amoroso pai - este o adjetivo que sempre ouvi - padecesse, poucos anos antes de ele vir a falecer tragicamente, a morte do filho Manoel, o mais velho entre os homens, que perdeu a vida no rio Jaguarão, com tão só quinze anos de idade, quando, em exercício de nado, exibia seus dotes de jovem atleta justamente ao seu genitor.

Sérgio da Costa Franco contava seis anos quando passou à orfandade paterna. É ele mesmo quem confessa, em seu admirável livro autobiográfico MEMÓRIAS DE UM ESCRITOR DE PROVÍNCIA, em edição comemorativa aos seus 80 anos, lançada fora do comércio, a ser distribuída às suas amizadas: «volto a lembrar meu pai, porque a sombra de sua memória acompanhou-me na infância e adolescência, sempre apontado como um exemplo de caráter e honradez. E ainda hoje me surpreendo a pesquisar sua vida e seus trabalhos pela íntima necessidade de reconstruir em detalhe a sua identidade”.

Nascido, pois, em Jaguarão, nos idos de 1928, viu-se, após o doloroso acontecimento e ainda no ano de 1935, jogado à vida da capital, para onde a honorável matriarca trouxe seus filhos na esperança de dar-lhes educação

condigna às suas próprias tradições de família. E deu.

Sérgio da Costa Franco aprendeu a ler por iniciativa de seu pai, valendo-se da então divulgada Cartilha Maternal do João de Deus. O escrever veio logo a seguir, por ato próprio e pelos zelos de sua irmã Ângela Franco Jobim, hoje nonagenária, que então utilizava a QUERES LER, a celebrada cartilha sempre lembrada pelos saudosistas e memorialistas urbanos. A educação secundária, por sua vez, seria cumprida nas classes do Ginásio Anchieta, de não boas lembranças, em que o contato com a Companhia de Jesus e seus métodos repressivos à liberdade haveriam de lhe infundir, em caráter definitivo, o posicionamento que até hoje mantém frente à religião

O primeiro bacharelato, em história e geografia, foi conquistado em Porto Alegre entre os anos de 1945 e 1948. Nesse ínterim, exerceu militância acadêmica, lecionou, trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, iniciou-se no jornalismo para, em 1950, ingressar na Faculdade de Direito de Porto Alegre, curso este que haveria de selar, em futuro próximo, seu destino profissional definitivo.

Em dezembro de 1951, com 23 anos completos, casou-se com a eleita de toda uma vida, mãe de seus cinco filhos e companheira inolvidável, recentemente falecida. Eu, que a conheci e pude admirar seus dotes humanos e as bondades do seu coração, pronuncio, ora, seu nome com profunda saudade e o maior respeito e reverência: Ignez Casella da Costa Franco.

O ano de 1952 irá encontrar o jovem casal em Cruz Alta. Recém concursado ao Banco do Brasil, Costa Franco foi para lá designado como funcionário. Em 1954, enfim, depois do forçado estágio cruzaltense, retornou a Porto Alegre, para, ao fim daquele ano, bacharelar-se em Direito e iniciar uma carreira profissional de advogado, ainda que esta tenha sido meteórica, pois em 16 de julho de 1957, após haver-se submetido ao concurso de ingresso no Ministério Público, prestou o compromisso de praxe e inerente à investidura de Promotor de Justiça.

Dias depois, chegava à cidade de Encantado, sua primeira Comarca judicial. Nos anos subsequentes, haveria de tomar posse como Promotor em Soledade, Erechim e, finalmente, em Porto Alegre, onde, em final de carreira, galgou ao posto de Procurador de Justiça. Mas foi a cidade de Erechim que se tornaria emblemática em sua carreira, se é que tanto se possa dizer, de historiador e escritor, pois foi lá que concluiu sua primeira grande obra, JÚLIO DE CASTILHOS E SUA ÉPOCA, que fora iniciada dois anos antes, em Soledade, e que lhe abriu as portas do reconhecimento como pesquisador histórico sério e profundo em suas investigações, que escreve de primeira mão, com base em fontes primárias, a maior das vezes inéditas; que, a partir de suas próprias palavras, escreve sem resvalar “ para o

improviso, o ficcionismo e a lenda “.

A primeira edição data de 1967 e foi lançada sob a chancela da Editora Globo. Moisés Velinho foi o primeiro a recomendar sua publicação, entusiasmado pelo trabalho de fôlego do até então, inédito em livro, Sérgio da Costa Franco. A obra, lançada há cinquenta anos passados, mantém a sua vigência, constituindo-se em leitura indispensável aos que pretendam compreender o republicanismo castilhistas e as ideias políticas do seu idealizador. Hoje em 5ª edição, Luiz Antonio de Araújo, editor do Caderno de Cultura do jornal ZERO HORA, a ela se refere afirmando que “Júlio de Castilhos e sua Época continua sendo o mais acurado retrato do chefe republicano rio-grandense”. Estas palavras dizem tudo sobre o valor da obra inaugural do nosso homenageado.

Mas, ao longo dos anos, o conjunto de obras históricas iria ganhar corpo. Desprezando a ordem cronológica de publicação, optei por catalogá-las em grupos em razão do assunto tratado, o que melhor dimensiona a intenção de Costa Franco de falar sobre as cidades em que viveu e a em que ainda vive. Em resumo, três cidades que marcaram sua vida. A primeira delas, Soledade, em virtude de seu itinerário de Promotor Público. Assim, pois, nasceu SOLEDADE NA HISTÓRIA, de 1975, o município que tem suas origens na exploração mineira das pedras preciosas encravadas em seu solo. Até hoje, nada de melhor e mais abrangente se escreveu sobre aquela urbe.

ORIGENS DE JAGUARÃO, editada em 1980, foi e continua sendo a melhor, única e decisiva monografia sobre a formação do município onde o homenageado viu a luz. Faz-lhe às vezes de certidão de nascimento, acrescenta da nomenclatura de boa parte dos seus fundadores, conforme escrevi na orelha da obra por honroso convite do autor, quando da sua reedição, em 2007. Chamei-o, então, de “filho dileto de Jaguarão”. Se o homenageado, homem avesso aos elogios de corpo presente, gostou ou não, a mim permanece um enigma. Mas ora o repito, porque este reconhecimento, em nome da minha cidade, não poderia ser outro. Voltaria a escrever sobre Jaguarão em Gente e Coisas da Fronteira Sul. E eu mesmo tive a honra de ser seu parceiro em OLHARES SOBRE JAGUARÃO, editada pela nossa Câmara Municipal em 2010. Trata-se de uma coletânea de 50 textos sobre Jaguarão que percorre 200 anos de história, de 1809 a 2009.

Porto Alegre é a grande beneficiária do foco de suas lentes de pesquisador. A bibliografia de Costa Franco sobre a capital dos gaúchos é imensa e não menos única: Porto Alegre e seu Comércio; Porto Alegre - Guia Histórico; Gente e Espaços de Porto Alegre; Santa Casa - 200 anos - Caridade e Ciência; Os Viajantes Olham Porto Alegre ( em parceria com Walter Noal,

livro do ano de 2005, obra que lhes valeu o Prêmio Açorianos de 2007 ); Porto Alegre Sitiada, a Velha Porto Alegre. Posso resumir, dizendo: é tarefa impossível a qualquer um, no presente e no futuro, escrever obra séria sobre Porto Alegre sem que tenha de recorrer à historiografia sobre a capital de autoria de Costa Franco.

Ficou aí? Não. Incursionou, em âmbito estadual, sobre a Revolução de 1893, A Pacificação de 1923, O Partido Federalista do Rio Grande do Sul, As Califórrias do Chico Pedro. Até um dicionário editou, seu DICIONÁRIO POLÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL, que abrange todo o nosso cenário político de 1821 a 1937.

Se esgotada a série histórica, cede-se espaço a comentar uma outra faceta notável do homenageado: a do Sérgio da Costa Franco cronista, o homem de pena ágil e estilo coloquial que, por anos, fazia com que se fosse direto à quarta página do Correio do Povo para ler-se um texto de agradável redação, que jogava luz ao espírito do leitor, que poderia assemelhar-se a estarmos sempre ouvindo um sonoro e comovente BOM DIA. A série de crônicas rendeu-lhe quatro publicações: Quarta Página, que lhe valeu o Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras; Ruas Mortas; Achados e Perdidos e Em Paz com a Vida. E, na maior parte destas crônicas, por trás, a sombra do historiador permanece indelével porque, por formação e vocação, é isto que intelectualmente Sérgio da Costa Franco é: historiador.

Por todas as anotações acima trazidas à colação sobre a sua vida de homem de letras, historiador e cronista, é que esta homenagem, Dr. Sérgio da Costa Franco, que no dia de hoje o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul lhe presta, se inscreve como um ato de justo reconhecimento pela sua trajetória de reconhecido pesquisador, pelos relevantes serviços que prestou a esta casa, pelo homem de reto caráter e coração generoso que é, pelo elevado senso de justiça e de elevado grau de cidadania com que pautou e pauta sua vida.

Receba de todos os seus confrades os mais elevados votos de Paz e Bem, Saúde e Felicidades neste dia 10 de agosto de 2017 em que, festejado e sob aplausos, retorna a este Instituto como seu Membro Honorário.

Muito Obrigado pela atenção de todos!